

Agonizante Mata Atlântica

*Antonio Silveira R. dos Santos
Criador do Programa Ambiental: A Última Arca de Noé
www.ultimaarcadenoe.com.br*

Em nossas visitas a áreas naturais para estudos, observação, registros sonoros e visuais da flora e fauna, notadamente das aves, tem-nos preocupação cada vez mais a degradação ambiental que encontramos. Lugares onde estivemos há alguns anos, ou décadas, perderam suas áreas naturais, florestas inteiras não existem mais, restando apenas alguns registros em fotos, sons ou vídeos da fauna, que tivemos a sorte de fazer.

Infelizmente, muitos sons que ouvimos nos indicam o caminho da degradação, e nos faz pensar sobre o tema.

De fato, o sinistro som de um tiro que ecoa no grotão da mata, seguido de um breve silêncio parece um tributo àquele que se foi. O ritmado entoar do machado de um cretino dá certeza do breve tombamento de mais uma vida. O estridente gemido de uma moto-serra ao longe arrepia nossa alma, por saber que mais uma frondosa árvore se vai. O ranger dos tratores dá-nos calafrios em pensar que belíssimos recantos selvagens estão sendo destruídos, e vidas ceifar-se-ão aos milhares em pouco tempo, para dar lugar a ruidosas estradas e fétidas cidades, tudo em prol do "desenvolvimento".

Da majestosa onça restam apenas a pele na parede e covardes estórias de caçador; do berreiro da araponga, apenas a vaga lembrança; da coreografia dos tangarás dançarinos, a imagem de alegres momentos; da grande figueira apenas a lembrança da exuberante vegetação que mostrava a arte inigualável da mãe natureza.

Da fantástica floresta que deslumbrou os descobridores aventureiros do século XVI, conhecida depois por Mata Atlântica, que cobria quase toda a franja leste e sul do Brasil, restam apenas 6% que cobrem timidamente algumas partes das cadeias montanhosas do sul e sudeste brasileiro, com menores manchas no Espírito Santo, Bahia e Alagoas.

A Mata Atlântica que é considerada como um dos biomas de maior biodiversidade do planeta é, também, um dos mais ameaçados e, não obstante ser contemplada como patrimônio nacional no art.225,§ 4º, Constituição Federal do Brasil, continua em acelerado processo de destruição, sem que consigamos encontrar meios de impedir. Tentativas existem como a criação de parques nacionais, estaduais, áreas de proteção ambiental, de leis que protegem a fauna e a flora, ou ainda esforços de abnegados ambientalistas, biólogos e pessoas que em gestos heróicos emergem da coletividade. Porém ainda é pouco, ante a rapidez com que é destruída, desrespeitando-se inclusive áreas de proteção legal.

A ganância dos inescrupulosos desafia as leis, a mata é continuamente destruída, o palmito retirado clandestinamente e, assim, uma das mais exuberantes e fantásticas florestas do mundo vai se esvaindo.

Urge que se façam esforços para que as leis de proteção sejam cumpridas, condenando aqueles que destroem esse extraordinário patrimônio, bem como sejam feitas concretas e sistemáticas campanhas de educação ambiental para a conscientização da população sobre a sua importância, mostrando como pode ser protegida e quão grande é a sua diversidade biológica, que se utilizada de forma sustentável poderá trazer com certeza benefícios não só à sua população, como também a humanidade.

Portanto, se também não se intensificar a atenção ao tema, com o fortalecimento da fiscalização e dos mecanismos de proteção, da Mata Atlântica restarão apenas suas imagens em nosso patrimônio mnemônico e em nossos ouvidos o lúgubre regougar do Urutau, parecendo prever o funeral desta esplêndida floresta.

Obs: artigo publicado pelo autor no Diadema Jornal em 15/3/1998.

ARQUIVO: ANTONIO SILVEIRA

Artigos e notas. Versão PDF. Autoria: Antonio Silveira R. dos Santos. arca@ultimaarcadenoe.com.br